

INTRODUÇÃO

Devo estas páginas à caridade de eminente habitante do mundo espiritual, ao qual me sinto ligada por um sentimento de gratidão que presinto se estenderá além da vida presente. Não fora a amorosa solicitude desse iluminado representante da Doutrina dos Espíritos — que prometeu, nas páginas fulgurantes dos volumes que deixou na Terra sobre Filosofia espírita, acudir ao apelo de todo coração sincero que recorresse ao seu auxílio com o intuito de progredir, uma vez passado ele para o plano invisível e caso a condescendência dos Céus tanto lho permitisse — e se perderiam apontamentos que, desde o ano de 1926, isto é, desde os dias da minha juventude e os albores da mediunidade, que juntos floresceram em minha vida, penosamente vinha eu obtendo de Espíritos suicidas que voluntariamente acorriam às reuniões do antigo Centro Espírita de Lavras, na cidade do mesmo nome, no extremo sul do Estado de Minas Gerais, e de cuja diretoria fiz parte durante algum tempo. Refiro-me a Léon Denis, o grande apóstolo do Espiritismo, tão admirado pelos adeptos da magna filosofia, e a quem tenho os melhores motivos para atribuir as intuições advindas para a *compilação e redação* da presente obra.

Durante cerca de vinte anos tive a felicidade de sentir a atenção de tão nobre entidade do mundo espiritual piedosamente voltada para mim, inspirando-me um dia, aconselhando-me em outro, enxugando-me as lágrimas nos momentos decisivos em que renúncias dolorosas

se impuseram como resgates indispensáveis ao levantamento de minha consciência, engolfada ainda no opróbrio das consequências de um suicídio em existência progressa. E durante vinte anos convivi, por assim dizer, com esse irmão venerável cujas lições povoaram minha alma de consolações e esperanças, cujos conselhos procurei sempre pôr em prática, e que hoje como nunca, quando a existência já declina para o seu ocaso, fala-me mais ternamente ainda, no segredo do recinto humílimo onde estas linhas são escritas!

Dentre os numerosos Espíritos suicidas com quem mantive intercâmbio por meio das faculdades mediúnicas de que disponho, um se destacou pela assiduidade e simpatia com que sempre me honrou, e, principalmente, pelo nome glorioso que deixou na literatura em língua portuguesa, pois tratava-se de romancista fecundo e talentoso, senhor de cultura tão vasta que até hoje de mim mesma indago a razão por que me distinguiria com tanta afeição se, obscura, trazendo bagagem intelectual reduzidíssima, somente possuía para oferecer ao seu peregrino saber, como instrumentação, o coração respeitoso e a firmeza na aceitação da Doutrina, porquanto, por aquele tempo, nem mesmo cultura doutrinária eficiente eu possuía!

Chamar-lhe-emos nestas páginas — Camilo Cândido Botelho, contrariando, todavia, seus próprios desejos de ser mencionado com a verdadeira identidade. Esse nobre Espírito, a quem poderosas correntes afetivas espirituais me ligavam, frequentemente se tornava visível, satisfeito por se sentir bem-querido e aceito. Até o ano de 1926, porém, só muito superficialmente ouvira falar em seu nome. Não lhe conhecia sequer a bagagem literária, copiosa e erudita.

Não obstante, veio ele a descobrir-me em uma mesa de sessão experimental, realizada na fazenda do coronel Cristiano José de Souza, antigo presidente do Centro Espírita de Lavras, dando-me então a sua primeira mensagem. Daí em diante, ora em sessões normalmente organizadas, ora em reuniões íntimas, levadas a efeito em domicílios particulares, ou no silêncio do meu aposento, altas horas da noite, dava-me apontamentos, noticiário periódico, escrito ou verbal, ensaios literários, verdadeira reportagem relativa a casos de suicídio e suas tristes consequências no

além-túmulo, na época verdadeiramente atordoadores para mim. Porém, muito mais frequentemente, arrebatavam-me, ele e outros amigos e protetores espirituais, do cárcere corpóreo, a fim de, por essa forma cômoda e eficiente, ampliar ditados e experiências. Então, meu Espírito alçava ao convívio do mundo invisível e as mensagens já não eram escritas, mas *narradas, mostradas, exibidas* à minha faculdade mediúnica para que, ao despertar, maior facilidade eu encontrasse para compreender aquele que, por mercê inestimável do Céu, me pudesse auxiliar a descrevê-las, pois eu não era escritora para fazê-lo por mim mesma! Estas páginas, portanto, rigorosamente, não foram psicografadas, pois eu via e ouvia nitidamente as cenas aqui descritas, observava as personagens, os locais, com clareza e certeza absolutas, como se os visitasse e a tudo estivesse presente, e não como se apenas obtivesse notícias por meio de simples narrativas. Se descreviam uma personagem ou alguma paisagem, a configuração do exposto se definia imediatamente, à proporção que a palavra fulgurante de Camilo, ou a onda vibratória do seu pensamento, as criavam. Foi mesmo por essa forma essencialmente poética, maravilhosa, que obtive a longa série de ensaios literários fornecidos pelos habitantes do Invisível e até agora mantidos no segredo das gavetas, e não psicograficamente. Da psicografia os Espíritos que me assistiam apenas se utilizavam para os serviços de receituário e pequenas mensagens instrutivas referentes ao ambiente em que trabalhávamos. E posso mesmo dizer que foi graças a esse estranho convívio com os Espíritos que me advieram as únicas horas de felicidade e alegria que desfrutei neste mundo, como a resistência para os testemunhos que fui chamada a apresentar à frente da grande Lei!

No entanto, as referidas mensagens e os apontamentos feitos ao despertar eram bastante vagos, não apresentando nem a feição romântica nem as conclusões doutrinárias que, depois, para eles criou o seu compilador, por lhes desejar aplicar meio suave de expor verdades amargas, mas necessárias no momento que vivemos. Perguntar-se-á por que o próprio Camilo não o fez... pois teria, certamente, capacidade para tanto!

Responderei que, até o momento em que estas linhas vão sendo traçadas, ignoro-o tanto como qualquer outra pessoa! Talvez eu mesma tivesse de dar ainda os testemunhos que mais tarde provei, talvez não fizesse

a tempo as renúncias indispensáveis ao verdadeiro intercâmbio com o Além ou a insuficiência dos meus cabedais intelectuais não permitisse facilidade a um classicista do seu valor, dada a pobreza da minha faculdade mediúnica. Jamais perquiri, aliás, dos Espíritos a razão de tal acontecimento. De outro lado, durante cerca de quatro anos vi-me na impossibilidade de manter intercâmbio normal com os Espíritos, por motivos independentes de minha vontade. E quando as barreiras existentes foram arredadas do meu caminho, o autor das mensagens só acudiu aos meus reiterados apelos a fim de participar sua próxima volta à existência planetária. Encontrei-me então em situação difícil para redigir o trabalho, dando feição doutrinária e educativa às revelações concedidas ao meu Espírito durante o sono magnético, as quais eu sabia desejarem as nobres entidades assistentes fossem transmitidas à coletividade, pois eu não era escritora, não me sobrando capacidade para, por mim mesma, tentar a experiência. Releguei-os, portanto, ao esquecimento de uma gaveta de secretária e orei, suplicando auxílio e inspiração. Orei, porém, durante oito anos, diariamente, sentindo no coração o ardor de uma chama viva de intuição segredando-me aguardasse o futuro, não destruindo os antigos manuscritos. Até que, há cerca de um ano, recebi instruções a fim de prosseguir, pois ser-me-ia concedida a necessária assistência!

Proseguindo, porém, direi que tenho as mais fortes razões para afirmar que a palavra dos Espíritos é cena viva e criadora, real, perfeita! Sendo também uma vibração do pensamento capaz de manter, pela ação da vontade, o que desejar! Durante cerca de trinta anos tenho penetrado de algum modo os mistérios do mundo invisível, e não foi outra coisa o que lá percebi. É de notar, todavia, que, ao despertar, a lembrança somente me acompanhava *quando os assistentes me autorizavam a recordar!* Na maioria das vezes em que me foram facultados estes voos, apenas permaneceu a impressão do acontecido, a íntima certeza de que convivera por instantes com os Espíritos, mas não a lembrança.

Os mais insignificantes detalhes poderão ser notados quando um Espírito iluminado ou apenas esclarecido “falar”, como, por exemplo, uma camada de pó sobre um móvel; um esvoaçar de brisa agitando um cortinado; um véu, um laço de fita gracioso, mesmo com o brilho da seda, no

vestuário feminino; o estrelejar das chamas na lareira e até o perfume, pois tudo isso tive ocasião de observar na palavra mágica de Camilo, de Victor Hugo, de Charles e até do apóstolo do Espiritismo no Brasil — Bezerra de Menezes, a quem desde o berço fui habituada a venerar, por meus pais. Certa vez em que Camilo descrevia uma tarde de inverno rigoroso em Portugal, juntamente com um interior aquecido por lareira bem acesa, sentia invadir-me tal sensação de frio que tirei, buscando as chamas para aquecer-me, enquanto, satisfeito com a experiência, ele se punha a rir... Aliás, o fenômeno não será certamente novo. Não foi por outra forma que João evangelista obteve os ditados para o seu *Apocalipse* e que os profetas da Judeia receberam as revelações com que instruíam o povo.

No *Apocalipse*, versículos 10, 11 e seguintes, do primeiro capítulo, o eminente servo do Senhor positiva o fenômeno a que aludimos, em pequenas palavras: “*Eu fui arrebatado em espírito, um dia de domingo, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o em um livro e envia-o às sete igrejas...*” — etc. etc.; e todo o importante volume foi narrado ao Apóstolo assim, por meio de cenas reais, palpitantes, vivas, em visões detalhadas e precisas! O Espiritismo tem amplamente tratado de todos esses interessantes casos para que não se torne causa de admiração o que vimos expondo; e no primeiro capítulo da magistral obra de Allan Kardec — *A gênese* — existe este tópico (item 9), certamente muito conhecido dos estudantes da Doutrina dos Espíritos: “[...] As instruções [dos Espíritos] podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na *Bíblia*, no evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.”

Longe de mim a veleidade de me colocar em plano equivalente ao daquele missionário acima citado, isto é, João evangelista. Pelas dificuldades com que lutei a fim de compor este volume, patenteadas ficaram ao meu raciocínio as bagagens de inferioridades que me deprimem o Espírito. O discípulo amado, porém, que, sendo um missionário escolhido, era também modesto pescador, teve sem dúvida o seu assistente espiritual para poder descrever as belas páginas aureoladas de ciência

e ensinamentos outros, de valor incontestável, os quais romperiam os séculos glorificando a Verdade! É bem provável que o próprio Mestre fosse aquele assistente...

Na obscuridade da existência em que amargo experiências e testemunhos decisivos, deu-me a misericórdia do mesmo amado Senhor três servos dedicados da sua gloriosa doutrina de amor e de luz como tutelares que acudissem às necessidades urgentes do trabalho reparador que me estava afeto, socorrendo a penúria intelectual que me afligia incapacitando-me de transladar para o papel os ditados que entidades afins me confiavam em visões pujantes de força e de vida: Charles, Bezerra de Menezes, Léon Denis!

Não posso ajuizar quanto aos méritos desta obra. Proibi-me, durante muito tempo, levá-la ao conhecimento alheio, reconhecendo-me incapaz de analisá-la. Não me sinto sequer à altura de rejeitá-la, como não ousa também aceitá-la. Vós o fareis por mim. De uma coisa, porém, estou bem certa: é que estas páginas foram elaboradas, do princípio ao fim, com o máximo respeito à Doutrina dos Espíritos e sob a invocação sincera do nome sacrossanto do Altíssimo.

YVONNE A. PEREIRA

Rio de Janeiro (RJ), 18 de maio de 1954.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Revisão criteriosa impunha-se nesta obra que há alguns anos me fora confiada para exame e compilação, em virtude das tarefas espiritualmente a mim subordinadas, como da ascendência adquirida sobre o instrumento mediúnico ao meu dispor.

Fi-lo, todavia, algo extemporaneamente, já que me não fora possível fazê-lo na data oportuna, por motivos afetos mais aos prejuízos das sociedades terrenas contra que o mesmo instrumento se debatia do que à minha vontade de operário atento no cumprimento do dever. E a revisão se impunha, tanto mais quanto, ao transmitir a obra, me fora necessário avolumar de tal sorte as vibrações ainda rudes do cérebro mediúnico, operando nele possibilidades psíquicas para a captação das visões indispensáveis ao feito, que, ativadas ao grau máximo que àquele seria possível comportar, tão excitadas se tornaram que seriam quais catadupas rebeldes nem sempre obedecendo com facilidade à pressão que lhes fazia, procurando evitar excessos de vocabulário, acúmulos de figuras representativas, os quais somente agora foram suprimidos. Nada se alterou, todavia, na feição doutrinária da obra, como no seu particular caráter revelatório. Entrego-a ao leitor, pela segunda vez, tal como foi recebida dos maiores que me incumbiram da espinhosa tarefa de apresentá-la aos homens. E se, procurando esclarecer o público, por lhe facilitar o entendimento de fastos espirituais, nem sempre conservei a

feitura literária dos originais que tinha sob os olhos; no entanto, não lhes alterei nem os informes preciosos nem as conclusões, que respeitei como labor sagrado de origem alheia.

Que medites sobre estas páginas, leitor, ainda que duro se torne para o teu orgulho pessoal o aceitá-las! E se as lágrimas alguma vez rociarem tuas pálpebras, à passagem de um lance mais dramático, não recalцитres contra o impulso generoso de exalçar teu coração em prece piedosa, por aqueles que se estorcem nas trágicas convulsões da inconsequência de infrações às Leis de Deus!

LÉON DENIS

Belo Horizonte (MG), 4 de abril de 1957.